

16 FEV 1996

SARNEY, José

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## Sarney e a AL

• A diplomacia presidencial, que Fernando Henrique Cardoso exerce com tanto gosto e competência, começou a criar raízes com José Sarney. Antes, não só a lentidão dos meios de transporte como o provincianismo dos presidentes mantinha-os limitados ao território nacional. Getúlio Vargas ficou 19 anos no Governo e só viajou uma vez, para a Argentina. Juscelino foi a Washington e pouco mais.

Os presidentes-generais viajaram, mas a origem pecaminosa de seus mandatos os desencorajava como interlocutores de países democráticos.

A originalidade que não se pode negar a José Sarney foi o impulso que deu à política sul-americana do Brasil, independentemente dos Estados Unidos e até vencendo desconfianças e oposições da diplomacia norte-americana. Deputado, era dos raros que tratavam de política externa. Quando o destino lhe deu o mandato de Tancredo Neves, voltou-se para o nosso continente. Foi uma decisão própria, instruída pela análise que fazia das possibilidades que tínhamos de desenvolver as relações com os nossos vizinhos e, talvez, pela comodidade que sente com a língua espanhola, que não fala bem, mas que entende com facilidade.

Certamente, a idéia não lhe foi sugerida pelo seu ministro de então, Olavo Setúbal, que gostava muito de ser chanceler, mas para tratar com os países do Primeiro Mundo. Hispânicos, não era com ele. Conta Sarney:

— Imagine se seria possível a União Européia se a Alemanha e a França estivessem brigando, como fizeram o tempo todo ao longo da História. Claro que não. Na América do Sul é a mesma coisa: se o Brasil e a Argentina não se entendessem, não seria possível sequer um acordo de livre comércio, como o Mercosul. Eu percebi isto logo e, apoiado pelos embaixadores Paulo Tarso Flecha de Lima, secretário-geral do Itamaraty, Thompson Flores e Paulo Nogueira Batista, comecei uma aproximação com os argentinos em todos os fóruns internacionais, inclusive na ONU, para onde mandei o Nogueira Batista.

— A resposta foi boa e, com menos de seis meses de governo, tive um encontro que considero histórico com o presidente Raúl Alfonsín, em Foz do Iguaçu. Analisamos a situação dos nossos países e chegamos à conclusão que o maior obstáculo à nossa aproximação era a política nuclear. Brasil e Argentina tinham programas nucleares concorrentes, impulsionados pelos militares de ambos os lados, o que criava desconfianças entre eles e desconfiança dos Estados Unidos em relação a nós. Chegamos à conclusão de que isto não levaria a nada e decidimos abrir, com a maior franqueza, as nossas instalações nucleares uns para os outros. O objetivo não era só acabar com os receios, mas, também, estabelecer uma cooperação nas pesquisas para o uso pacífico do átomo.

— Outra ferida ainda aberta nas nossas relações era Itaipu. Na época da construção da represa alguns militares argentinos ultranacionalistas fize-

ram uma campanha dizendo que Buenos Aires ficaria à mercê dos brasileiros, que poderiam inundá-la se abrissem as comportas da barragem. Alfonsín quis acabar publicamente com essa bobagem e fomos juntos visitar Itaipu.

— Quando começamos a tratar do Mercosul, pensávamos em uma construção política e cultural muito maior que um simples acordo de livre comércio, embora ele seja um primeiro passo importante. Pensávamos em uma verdadeira integração dos nossos povos, como está acontecendo na Europa. Por isto demos tanta importância ao Grupo de Contadora, que surgiu inicialmente como uma resposta comum ao problema da dívida externa, e fizemos, em Acapulco e em Cartagena, as primeiras reuniões de chefes de Estado latino-americanos sem a presença dos Estados Unidos. Por isto, também, intensificamos os contatos com os países membros do Pacto Andino, com os centro-americanos do Coricon e com o México, que tem uma posição especial em razão da sua vizinhança com os Estados Unidos. Essa atividade diplomática do Brasil até provocou uma resposta americana. O presidente Bush falou até em um mercado comum do Ártico à Patagônia. Claro que se esqueceu logo. Para os Estados Unidos nós somos a sua reserva de mercado.

— Uma iniciativa importante que tomamos foi a reunião dos presidentes dos países amazônicos, que fizemos em Manaus, para criar uma política comum de desenvolvimento sustentável da região e proteção do meio ambiente. Naquele tempo, o Brasil estava sentado na cadeira de réu, era, para os países ricos, o vilão do planeta, responsável pela destruição da camada de ozônio porque não era capaz de preservar a Amazônia. Foi nesta reunião que decidimos juntar no Ibama as dezenas de instituições que tratavam do meio ambiente e fazer aprovar uma das legislações ecológicas mais avançadas do mundo. Foi a partir desta reunião, também, que decidimos reivindicar, com o apoio dos nossos vizinhos, a realização da Rio-92, no Rio de Janeiro.

— Como você vê, a política externa do Brasil no meu governo foi mais que sul-americana. Foi latino-americana. Foi uma abertura de caminhos novos, que ainda têm muito a ser explorados — diz Sarney, com um perdido olhar de saudades.

No fim, acrescenta:

— Fui eu quem contou ao Collor que havia mandado tapar um poço na Serra de Cachimbo que poderia servir para uma explosão nuclear. Ele mandou abrir de novo e foi lá jogar uma pá de cal, diante da TV. É um farsante.